

Fraga diz que País não volta ao FMI

Paulo Lacerda/AE

Para presidente do BC, queda do déficit em conta corrente indica alívio na situação

VLADIMIR GOITIA

O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, afirmou que, apesar das pressões sobre o câmbio, o Brasil não vai precisar recorrer de novo ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e o real, além de se estabilizar, começará a se valorizar. Em entrevista concedida na quinta-feira e publicada na edição de ontem do jornal argentino "Clarín", Fraga insistiu ainda que, por razões históricas e estruturais e pela dimensão e diversificação da economia brasileira, o regime de câmbio flutuante é bom para o País. Portanto, o governo não fará nenhuma revisão ou mudança nessa política.

Ao ser indagado sobre a razão pela qual o BC não conseguiu frear a alta do dólar, mesmo com a ampliação do recolhimento compulsório dos bancos e com o aumento significa-

HEDGE
NÃO SOME
DE REPENTE,
ALERTA BC

tivo do número de leilões de títulos atrelados à moeda norte-americana, Fraga apontou o forte movimento de "hedge" (proteção), por parte das empresas, que não vai desaparecer da noite para o dia.

Mas, segundo acrescentou o presidente do BC, "já exis-

tem sinais que vão contribuir para reverter essa situação, entre eles um déficit em conta corrente menor do que o previsto". De acordo com Fraga, o balanço de transa-

ções correntes deve fechar este ano com um déficit de US\$ 24 bilhões e não mais de US\$ 26 bilhões como estava estimado. Fraga disse também que, em 2002, essa cifra deve cair para US\$ 20 bilhões.

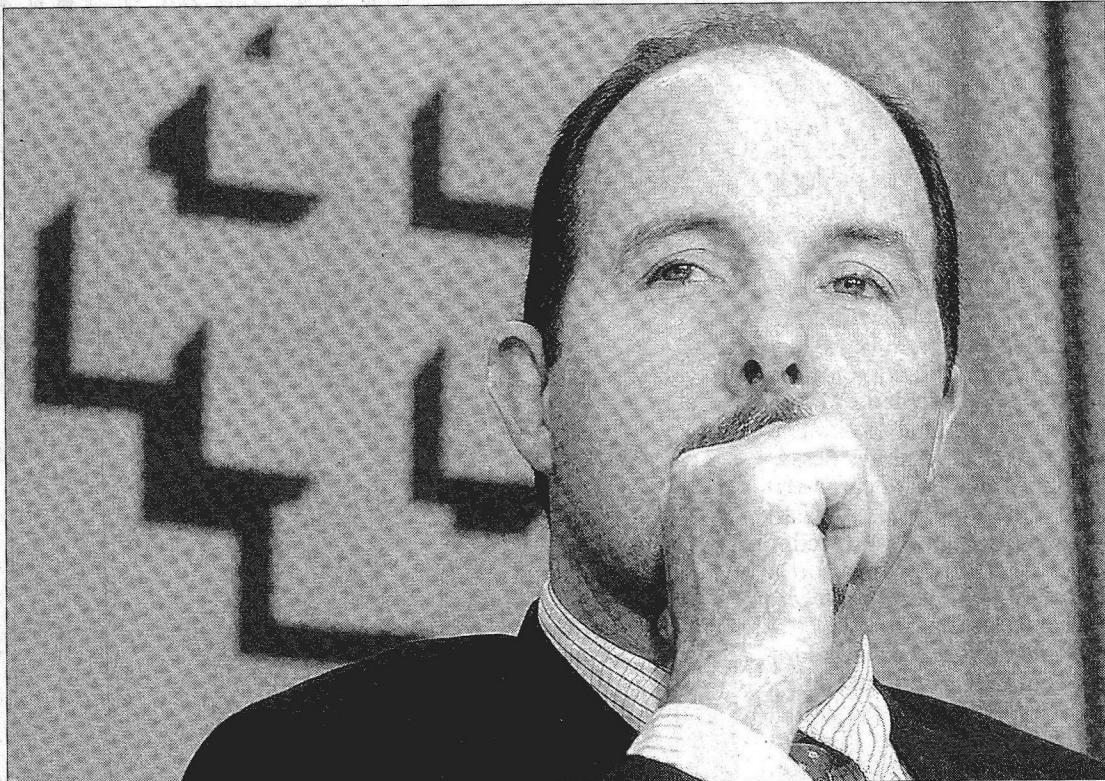
Sobre juros, o presidente do Banco Central evitou qual-

quer comentário. Ele limitou-se a dizer que os juros no Brasil funcionam de acordo com as metas de inflação. "Mas a inflação está subindo?", insistiu o repórter do "Clarín". "Isso não vou responder porque temos de olhar os dados a cada mês e o Banco Central não pode dizer se vai ou não subir os juros."

Segundo o presidente do BC, é necessário manter muita neutralidade até a próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). "É importante que, na próxima reunião, o BC tenha a liberdade e a flexibilidade mental e intelectual para fazer o que

tem de ser feito."

Fraga reconheceu ainda que a harmonização de duas políticas cambiais, como as do Brasil (flutuante) e a da Argentina (fixa) é muito complicada, porém não é necessária. Finalmente, ele disse entender a necessidade de a Argentina aplicar cláusulas de salvaguarda em seu mercado para se defender da desvalorização do real. "Eu entendo. São situações excepcionais, mas os funcionários e empresários do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai têm de falar dessas coisas, dialogar. Mas eu não estou nessa mesa de diálogo." (AE)



Fraga: na nova reunião do Copom, BC precisa ter liberdade para fazer o que precisa ser feito